

processo vital ou, como dizia Hume, mera «escrava das paixões». É óbvio que essa força intelectual e os irresistíveis processos de lógica que dela resultam não são capazes de construir um mundo; são tão alheios ao mundo quanto os igualmente irresistíveis processos da vida, do labor e do consumo.

Uma das mais surpreendentes discrepâncias da economia clássica é que os mesmos teóricos que se orgulhavam de ter uma perspectiva utilitária freqüentemente viam com muita reserva a mera utilidade. De modo geral, sabiam muito bem que a produtividade específica do trabalho reside menos em sua utilidade que em sua capacidade de produzir durabilidade. Com esta discrepância, admitiam tacitamente o irrealismo de sua própria filosofia utilitária. Pois, embora a durabilidade das coisas comuns seja apenas um débil reflexo da permanência de que são capazes as mais mundanas das coisas, as obras de arte, algo desta qualidade — que, para Platão, era divina por assemelhar-se à imortalidade — é inerente a todas as coisas como coisas, e é precisamente esta qualidade ou sua ausência que transparece em sua forma e as torna belas ou feias. É verdade que um objeto de uso comum não é nem deve ser destinado a ser belo; no entanto, tudo o que possui alguma forma e é visto não pode deixar de ser belo ou feio, ou algo entre belo e feio. Tudo o que existe aparece necessariamente, e nada pode aparecer sem ter forma própria; portanto, não existe de fato coisa alguma que, de certo modo, não transcenda o seu uso funcional; e esta transcendência, sua beleza ou feiúra, corresponde ao seu aparecimento público e ao fato de ser vista. Pelo mesmo motivo, isto é, em sua mera existência mundana, todas as coisas também transcendem a esfera da pura «instrumentalidade» assim que são produzidas. O critério segundo o qual a excelência de uma coisa é julgada nunca é a simples utilidade, pois uma mesa feia nunca exerce a mesma função que uma mesa bonita, e sim sua adequação ou inadequação no tocante à *aparência* que ela deveria ter; e isto, na linguagem de Platão, é nada mais nada menos que a sua adequação ou inadequação ao *eidos* ou à *idea*, à imagem mental ou, antes, à imagem vista pelos olhos da mente, que precedeu ao seu nascimento e sobreviverá à sua possível destruição. Em outras palavras, nem mesmo os objetos de uso são julgados somente segundo as necessidades objetivas do homem, mas segundo critérios objetivos do mundo onde encontrarão o seu lugar, para durar e para serem vistos e usados.

O mundo de coisas feito pelo homem, o artifício humano construído pelo *homo faber*, só se torna uma morada para os homens mortais, um lar cuja estabilidade suportará e sobreviverá ao movimento continuamente mutável de suas vidas e ações, na medida em

que transcende a mera funcionalidade das coisas produzidas para o consumo e a mera utilidade dos objetos produzidos para o uso. A vida em seu sentido não-biológico, o tempo que transcorre entre o nascimento e a morte do homem, manifesta-se na ação e no discurso, que têm em comum com a vida o fato de serem essencialmente fúteis. A «realização de grandes feitos e o dizer de grandes palavras» não deixarão qualquer vestígio, qualquer produto que possa perdurar depois que passa o momento da ação e da palavra falada. Se o *animal laborans* precisa do auxílio do *homo faber* para atenuar seu labor e minorar seu sofrimento, e se os mortais precisam do seu auxílio para construir um lar na terra, os homens que agem e falam precisam da ajuda do *homo faber* em sua mais alta capacidade, isto é, a ajuda do artista, de poetas e historiógrafos, de escritores e construtores de monumentos, pois, sem eles, o único produto de sua atividade, a história que eles vivem e encenam não poderia sobreviver. Para que venha a ser aquilo que o mundo sempre se destinou a ser — uma morada para os homens durante sua vida na terra — o artifício humano deve ser um lugar adequado à ação e ao discurso, a atividades não só inteiramente inúteis às necessidades da vida, mas de natureza inteiramente diferente das várias atividades da fabricação mediante a qual são produzidos o mundo e todas as coisas que nela existem. Não é necessário que escolhamos aqui entre Platão e Protágoras, nem decidamos se o homem ou um deus deva ser a medida de todas as coisas; o que é certo é que a medida não precisa ser nem a compulsiva necessidade da vida biológica e do labor, nem o «instrumentalismo» utilitário da fabricação e do uso.